



**Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, na
outorga do título de Cidadão Sergipano**

Aracaju-SE, 23 de agosto de 2004

Excelentíssimo senhor governador João Alves Filho,
Excelentíssimo senhor deputado Garibalde Mendonça, ilustre presidente
em exercício da Assembléia Legislativa de Sergipe,
Excelentíssimo senhor ex-governador Albano Franco,
Excelentíssimo senhor prefeito Marcelo Deda,
Excelentíssimo senhor Sérgio Góes, presidente da Câmara Municipal de
Aracaju,

Excelentíssimo senhor deputado estadual Marcos Franco, primeiro-
secretário da Assembléia Legislativa de Sergipe,

Excelentíssimo senhor deputado federal Valdemar Costa Neto,
presidente nacional do PL,

Excelentíssimo senhor deputado federal Sandro Mabel, líder da bancada
do PL da Câmara Federal,

Excelentíssimo senhor deputado federal Bosco Costa,

Excelentíssimo senhor deputado federal Heleno Silva,

Excelentíssimo senhor deputado estadual Ulices Andrade, em nome de
quem saúdo os demais deputados estaduais de Sergipe e agradeço,
especialmente, pela indicação do meu nome para essa grande honraria com
que o estado de Sergipe me homenageia, aqui, hoje.

Magnífico reitor José Fernandes Lima, da Universidade Federal de
Sergipe,

Demais deputados estaduais, federais, aqui presentes,

Senhores prefeitos,

Vereadores,



Ilustres representantes da sociedade sergipana,
Minhas senhoras e meus senhores,

Minha primeira palavra é de agradecimento pelo honroso título de cidadão honorário de Sergipe, com que me homenageiam, aqui, nesta tarde de hoje, em Aracaju.

Todos, de alguma forma, já ouviram falar um pouco da minha vida. Mas me permito falar alguma coisa sobre ela, porque devo a Sergipe um pouco de informação a respeito de mim mesmo, porque a Câmara dos Deputados decidiu me homenagear e me considerar como filho desta grande terra, ainda que honorário. Confesso que me orgulho muito do estado onde nasci, mas conhecendo melhor e a cada vez que venho a Aracaju, tendo em vista a hospitalidade e a grandeza nacional desse povo sergipano, eu diria que ao invés de cidadão honorário, quem sabe esta Câmara não teria poderes para me considerar um sergipano de verdade.

Eu sou nascido no interior do meu estado e sou filho de uma família modesta, humilde. Vivi em regiões muito pobres de Minas Gerais. E naquele tempo as coisas não eram fáceis. Saí de casa, aos 14 anos de idade, para trabalhar na cidade sede do município, Muriaé, porque eu morava no interior do município. Tinha arranjado um emprego numa casa comercial de tecidos. A empresa era Souza e Irmão Ltda, de dois irmãos, Geraldo Magela e Jair de Souza. Eles eram, realmente, grandes comerciantes e de famílias distintas de Muriaé. Pois bem, meu patrão Geraldo Magela, disse assim: “eu vou te pagar 300 cruzeiros por mês”.

Eu, muito bobo, achei aquilo formidável, 300 cruzeiros. Nunca tinha visto um dinheiro daquele. Mas eu pensei que ele fosse me levar para morar em sua casa ou coisa parecida.

Ele disse assim: “você tem parentes aqui?” Eu disse: “não.” “Você tem onde morar?” Eu tinha visitado a casa, havia lá nos fundos, um galpão onde se



guardavam caixas vazias, capas de fardos, essas coisas. Eu imaginei que talvez pudesse colocar uma cama e dormir por ali.

Mas ele disse: “tem um hotel, aqui, Hotel da Estação, que é o mais perto. Você vai lá, a dona do hotel é D. Maria Cantamissa. Você combina com ela, porque ela é uma senhora muito boa, de família muito boa, e você é um menino de 14 anos, e não pode ficar aí assim”. Eu fui. Cheguei lá e disse: “eu queria falar com D. Maria Cantamissa”. Aí veio D. Maria. Conversamos perto da janela, em frente à estação da estrada de ferro Leopoldina. Era um hotelzinho, chamado Hotel da Estação. Os quartos não tinham banheiro. Naquele tempo os banheiros eram coletivos, no fim do corredor do hotel. E ela, então, olhou para mim e falou assim: “você está querendo morar no meu hotel, menino? Você vai trabalhar com o Seu Geraldo. Quanto você vai ganhar?” Eu falei grosso: “vou ganhar 300 cruzeiros por mês.” Porque, para mim, era um dinheirão. Ela achou graça e falou: “meu filho, com esse dinheiro você vai ter que arranjar algum lugar longe daqui. Você não vai morar no meu hotel. Meu hotel é para viajantes, que pagam diárias. Eu só tenho um mensalista, mesmo assim, porque ele é contador do Banco Mineiro da Produção, o Sr. Nilton, e ele me paga 420 cruzeiros, com café da manhã, almoço, jantar e um quarto.”

Então, eu lembrei daquele cômodo lá da loja. Eu falei assim: “Quanto a senhora me cobra apenas pelo café da manhã, almoço e jantar?” Aí, ela foi uma verdadeira matriarca, e disse assim: “e onde você vai morar?”. Mostrei pela janela a plataforma da estação da estrada de ferro Leopoldina. Havia bancos na estação. Eu disse: “eu posso dormir, ali, D. Maria. Eu tenho uma malinha, a senhora me deixa guardá-la aqui e eu venho, tomo banho, tomo café e vou dormir ali.” Ela, então, pegou na minha mão, entrou pelo corredor do hotel, lá fazia assim, um ângulo de 90° à esquerda, e tinha um canto do corredor onde não havia porta de quarto, porque as portas eram um pouco afastadas. Ela disse assim: “eu tenho um catre antigo aí – não sei se aqui em Sergipe... catre é uma umacama antiga – e mando armar aqui no corredor.



Você concorda em morar aqui no corredor?” Eu disse assim: “concordo, mas, nesse caso, quanto a senhora vai me cobrar?” Foi o primeiro negócio que eu fiz na minha vida.

Ela, então, disse assim: “o quarto é 150 cruzeiros. O Sr. Nilton paga 420 cruzeiros. Então, isso seria coisa como 270 cruzeiros.” Mas ela, de certa forma, já estava fazendo aquilo, porque sabia que o meu ordenado seria de 300 cruzeiros. Então, ela pensou que com 270 cruzeiros eu pudesse viver, e me sobraria 30 cruzeiros. Ela não falou isso, mas deixou explícito. Eu disse: “D. Maria, eu vou morar no corredor. Nesse caso, a senhora pode me fazer um preço melhor?” E fomos discutindo. Eu ofereci 200 cruzeiros. Ela chegou a 220 cruzeiros. Eu falei assim: “Nesse caso, com a roupa lavada”. E por quê? Ela tinha que lavar roupa do hotel, então, lavasse a minha roupa. Ela achou graça, concordou. Eu equilibrei meu orçamento, aos 14 anos de idade, fiquei com o orçamento superavitário.

Quando saí de casa, meu pai disse assim: “meu filho, o importante na vida é poder voltar.” Aquilo era um ensinamento, que guardei. E ele disse assim: “Se você puder, estude pelo menos duas coisas: aritmética e português. Aritmética para lhe facilitar o raciocínio, e português para você poder se comunicar bem.”

Então, havia um senhor já aposentado, um velho professor que me dava aulas aos domingos pela manhã. E várias vezes eu o convidava para almoçar comigo nesse hotel. Era barato o que eu pagava. Eu pagava a ele 15 cruzeiros por mês, e ele lecionava aritmética para mim. O primeiro livro foi Aritmética Elementar, do Ari Quintela. E português.

Eu morei nesse corredor por um ano e meio. E depois, prossegui minha vida. Esse foi o meu primeiro emprego. Fui levado por um grande comerciante de Caratinga, que me convidou para ir para trabalhar com ele. Caratinga é uma cidade que fica também no eixo da BR-116, e lá eu fui ganhar o dobro, 600 cruzeiros. E morava numa pensão chamada Pensão Simpatia onde pagava



300 cruzeiros, com café da manhã, almoço e jantar e tinha um quarto que não era no corredor. Melhorei bastante de vida.

Mas aos 18 anos eu queria me estabelecer. Eu sou o 11º filho de uma família de 15 irmãos. E o meu irmão mais velho era representante comercial de uma grande empresa do Rio de Janeiro. E tinha umas economias, porque ele era comissionado. Então, um belo dia eu perguntei: “Geraldo, eu preciso de um empréstimo para me estabelecer, porque eu queria botar uma casinha de tecidos.” Eu sabia trabalhar, tinha 18 anos. O Geraldo disse assim: “você não pode, você é menor, a maioridade é de 21 anos. A menos que papai concorde em emancipar você”. Então, vamos conversar com papai. “Mas ele não tem capital, Geraldo”, papai falou. Então, o Geraldo disse assim: “eu empresto para ele 15 mil cruzeiros”, que era o que ele tinha. Porque o cruzeiro veio em 1942. Isso é 1950, o que eu estou contando para vocês. Eu sou de 1931, nascido em 1931. Mas eu não tinha 19 anos, eu tinha 18, porque eu sou de outubro. Tanto que quando dispuo a eleição, eu dispuo com um ano menos, porque 3 de outubro.

Bom, papai disse assim: “Geraldo, mas esse menino vai se estabelecer?” E acabou me emancipando. Concordou. E havia uma senhora D. Anita que tinha uma loja, tinha prateleira. E me entregou a chave, e eu já paguei. Eu já tinha conversado com ela para cobrar o aluguel só no fim do ano. Eu não precisava nem comprar móveis para a loja, que já estava lá. E andava com uma cópia da Escritura Pública de Emancipação, que foi o documento com que meu pai me emancipou aos 18 anos. E montei a tal lojinha. Era muito comum ir comprar no Rio de Janeiro. Ficava hospedado num hotel chamado Vera Cruz, ficava na rua Pedro I, ao fundo do antigo Teatro Recreio.

Lá no fundo, no Teatro Recreio, Walter Pires, havia uma peça imprópria para menores de 21 anos. Aquilo me encantou. Imprópria para menores de 21 anos. Eu fui e comprei ingresso. À noite, entrei na fila, uma fila enorme para entrar. E quando cheguei na portaria, entreguei o meu ingresso, o porteiro falou



assim: “não senhor, essa peça é imprópria para menores de 21 anos.” Eu então, tirei a cópia da minha Escritura Pública de Emancipação. Ele abriu, a fila parou, e o pessoal começou a reclamar. Até que chegou um cidadão e perguntou: “o que passa aqui na portaria?” Eu expliquei: “o porteiro não está reconhecendo a minha emancipação.” “Me deixa ver esse documento.” O típico carioca. Falou: “é por isso que esse país não vai para a frente. Um teatro como o Teatro Recreio, tinha que ter uma assessoria jurídica na portaria para casos dessa natureza.” Aí o porteiro perguntou: “o senhor é advogado?” “Sou, sim senhor.” “Então, ele vai entrar na responsabilidade do senhor, porque a peça é imprópria.” Aquilo me trazia uma curiosidade. Que peça era essa? E cheguei. Meu lugar era lá no meio, sentei, tinha um casal ao lado, e eu fiquei esperando para ver. Mas não tinha nada de impróprio. Eu vou contar para vocês porque ela era imprópria.

Eu acredito que não seja impróprio contar aqui na Assembléia, porque a peça era imprópria, porque isso é de 1950. Pois bem, lá num determinado momento, abriu a cortina e o cenário era uma livraria. Uma moça muito bonita do lado de dentro do balcão da livraria, de minissaia. Naquele tempo era uma minissaia ultracivilizada. E do lado de fora do balcão umas estantes com livros. Chegou um cidadão e começou a procurar um livro naquelas estantes. Começou a demorar, ela saiu e disse: “posso ajudá-lo? Que livro o senhor está procurando?” Ele disse assim: “A Vida Começa aos 40, a senhora tem?” “Tenho”. Saiu para pegar o livro. Mas voltou e disse assim: “doçura, (inaudível) era imprópria”. (inaudível) que os tempos eram outros.

E isso tudo, eu estou contando a vocês, porque eu sou, hoje, com muita honra, um cidadão sergipano. E vocês então tinham que conhecer um pouco da minha luta, da minha vida.

E depois ele cresceu, foi atacado de tecidos. Eu fui o maior atacado de tecidos de Minas. E depois resolvemos, com o apoio da Sudene, fazer uma fábrica de tecidos muito moderna, lá em Minas Gerais. E naquele tempo nós



conhecíamos muito bem, como sempre conhecemos muito bem o mercado, e sabíamos o que fazer. Pois bem, esta Coteminas começou a implantação um pouco antes, mas foi inaugurada em 1975 e hoje é uma empresa que consome 15% do consumo nacional de algodão.

E no ano que vem, como nós estamos acreditando e estamos fazendo investimentos, nós vamos consumir 20% do consumo nacional de algodão. O consumo nacional para o próximo ano é estimado em 850 mil toneladas. E a nossa produção, hoje, vem estimada, em um consumo de 170 mil toneladas de algodão. E, realmente, é verdade, é hoje, a maior empresa têxtil do país, a mais capitalizada, a mais eficiente, a mais competitiva, exporta mais de 50% da produção. Isso tudo, a gente tem que (...) orgulho.

E entrei na política. Eu tenho um filho caçula, são três filhos. Eu e a Mariza somos casados há 46 anos, vamos fazer 47 anos de casados agora em novembro. Temos três filhos, duas meninas e um menino. O menino é o caçula, mas hoje já está com 40 anos. E a partir do momento em que ele se formou, ele foi trabalhar. Eu vi que já o estava atrapalhando, porque eu não sabia nada perto dele. Então, pude ingressar na política, que era o meu desiderato. O meu objetivo era ingressar na política porque eu achava que poderia levar alguma contribuição para o setor público, contribuição oriunda da minha experiência construída no setor privado, durante todo esse tempo de trabalho, dedicação e seriedade absoluta.

Então, fui convidado por todos os candidatos à Presidência da República, para ser candidato a vice. Eu era senador, porque fui eleito em 1998. E o Partido fez coligação com o PT, meu partido é o PL. E nós, então, fizemos a aliança com o PT. E fui convidado pelo Lula para ser o candidato a vice, o que muito me honra porque, podem estar certos, uma das coisas que sempre vi na pessoa dele, desde quando ele disputou a primeira eleição, em 1989, a segunda em 1994, depois a terceira em 1998, e a de 2002, nunca duvidei da sua condição de cidadão honrado e brasileiro de bem, que ele é. Um



homem trabalhador, chefe de família exemplar, e eu não tenho dúvida nenhuma de que o Brasil vai dar muito certo com ele, e está sendo levado a todos os rincões do planeta Terra, pela primeira vez na história republicana, por um presidente que enaltece o nome do Brasil e faz crescer a auto-estima dos brasileiros.

O nosso deputado, que me saudou, disse que provavelmente ele tenha sido um dos motivos pelos quais recebo essa honraria. Disse ele que sempre levantei a voz pelo crescimento econômico, sempre fui contra essa armadilha da dívida e dos juros, mas ele também enalteceu o governo do presidente Lula. Falou, também, no rio São Francisco, sobre a sua revitalização. Falou nos 2 mil metros cúbicos de água por segundo a partir de Xingó e não a partir de Sobradinho, que seria o ideal. Falou que o problema de não-reativação da situação como está, compromete o ecossistema.

Pois bem, isso tudo porque no início do nosso governo o presidente me pediu que examinasse essa questão do rio São Francisco. O rio São Francisco é uma das dádivas de Deus para o estado de Sergipe e de Alagoas, e também da Bahia, e porque não dizer, também de Pernambuco, ainda que ele não atravessasse Pernambuco, mas ele está também, no sul de Pernambuco. E nasce na Serra da Canastra, em Minas Gerais.

Então, nós nos reunimos com vários técnicos e começamos a fazer um trabalho de verificação do rio São Francisco, desde a Serra da Canastra até a sua foz. E comecei a fazer reuniões regionais, para dialogar com as autoridades de cada estado a que pertence o rio São Francisco, desde o meu estado, Minas Gerais, passando pela Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco. E fui também aos estados beneficiários de uma transposição de parte dessas águas.

Foi quando, naturalmente, comecei a me informar a respeito da vazão do rio São Francisco. A vazão, em época de seca, pode chegar a 600 metros cúbicos por segundo; mas, na cheia, ela pode ir... Isso aí é imprevisível, pode



chegar a 10 mil metros cúbicos por segundo, dependendo do volume de água de um ano de chuvas.

Então, a Barragem Sobradinho, ela tem uma importância fundamental, de regularizar a vazão a partir de Sobradinho. É claro que essa vazão só poderia ser regularizada a partir de uma barragem que fosse construída para esse fim. E a jusante de Sobradinho há, também, usinas hidrelétricas têm capacidade instalada de cerca de 10 mil megawatts. Isso é uma senhora instalação, que deu condições de desenvolvimento para todo o Nordeste.

É claro que a foz ficou prejudicada, porque todos os nutrientes que o rio transportava na cheia e que inundava a região da foz, que era uma região produtora de arroz, principalmente – visitei lá e tive todas essas informações.

Então, é uma pena. Mas esse ecossistema já foi modificado quando se construiu Sobradinho. Porque Sobradinho libera, regularmente, cerca de 2.200 metros cúbicos por segundo de água. É claro que isso varia um pouco, mas varia, no máximo, 10%. Agora, a idéia de liberar, a partir de Xingó, tudo bem, mas é muito difícil fazer isso hoje, porque comprometeria determinadas usinas que estão a jusante e antes de Xingó, a montante, portanto, de Xingó.

Então, isso tudo é assunto que tem que ser discutido. Mas uma das razões principais pelas quais eu aceitei a incumbência foi que a premissa básica era de revitalização. E essa revitalização compreende, entre outras obras de pequenas planagens, de alguns rios que servem o São Francisco a partir de Minas, há, também, um trabalho para que se possa evitar o desmatamento, que é responsável pelo grande assoreamento do rio. Então, a reconstituição de matas ciliares, vegetação rasteira ciliar, tudo isso está previsto no programa que eu entreguei, pronto, e foi aprovado por unanimidade pelo Conselho de Ministros que foi nomeado pelo presidente para participar desse trabalho, presidido por mim.

O projeto foi aprovado como está. Contempla investimentos da ordem de 6 bilhões de dólares. Então, é um projeto que vai consumir, para todo o



desassoreamento do rio, a recomposição de matas ciliares, vegetação rasteira ciliar, com essências indicadas pela Embrapa. Há regiões que são essências diferentes, porque há vários climas diferentes, ao longo do São Francisco. Mas a Embrapa tem condições de indicar as variedades que são, para a formação de uma mata ciliar que proteja o rio do assoreamento. A recomposição da navegabilidade do rio São Francisco, que é, hoje, uma das razões mais importantes que há no Brasil, que é o aproveitamento das hidrovias naturais, que trazem uma economia muito grande no transporte. Então, é um projeto muito bonito.

E o Presidente, trocou idéias comigo, porque o Presidente é como meu irmão. Queria que nós mesmos continuássemos. Mas a Vice-Presidência não tem estrutura. Não tem, por exemplo, nem mesmo para uma rubrica orçamentária destinada à Vice-Presidência. A Vice-Presidência não tem estrutura executiva. A Vice-Presidência é uma substituição eventual do Presidente, como estou fazendo hoje, estou hoje na Presidência-interina.

Então foi passado o projeto, por indicação nossa do tal(?) conselho de ministros presidido por mim para o Ministério da Infra-Estrutura. Por que o Ministério da Infra-Estrutura? Porque era o mais adequado para receber a incumbência para realizar essa obra. E essa obra é prioridade do governo e ela vai ser realizada. Hoje, ela já conta com rubrica já considerável para Orçamento de 2005. Agora, é claro que o trabalho inicial é a obtenção de licença ambiental para isso, porque o sistema de... o Ibama e o próprio Ministério do Meio Ambiente hoje é rigorosamente exigente, nós temos que cumprir a legislação rigorosamente. E não há prejuízo nenhum em se cumprir à legislação. Ao contrário, o prejuízo há quando se descumpre.

Então, uma das primeiras preocupações do Ibama e do Ministério do Meio Ambiente, é justamente com o ecossistema. Então, essas questões serão resolvidas, sem agressão, e nós vamos atender com dois eixos principais: um Leste, um Norte. Há estados, como a Paraíba, na região do Cariri, que não tem



água. Vamos atender também alguma coisa do Rio Grande do Norte e do Ceará. E o que vai cair é uma coisa parecida com 59, se não me engano, é um número muito em cima disso, 59 metros cúbicos por segundo, ou seja, menos de 3% das águas liberadas pela barragem de Sobradinho. Então isso tem haver absolutamente, é um copo d'água para a Paraíba, para o Ceará e para o Rio Grande do Norte. Então, daí para Pernambuco, porque Pernambuco tem água do São Francisco ao sul do estado, mas têm regiões muito secas. A própria região de Caeté onde nasceu o presidente Lula, lá também é região seca. Então, aquela região, não necessariamente Caeté, mas aquela região de Garanhuns, Caeté, etc., será atendida também pelo eixo norte.

Então, sobre o Rio São Francisco, eu estarei sempre à disposição tantas vezes quantas for preciso, e tenho certeza que o ministro Ciro Gomes, que é o responsável pelo Ministério da Integração Nacional, terá condições de trazer qualquer informação que se deseja a respeito.

Com relação ao problema, que é aquela história: eu, às vezes, quando vou para uma solenidade, minha mulher recomenda “não fala mais de juro não, meu filho!” Mas não tem jeito. Hoje fui receber a grande medalha, que me foi outorgada pelo ilustre governador João Alves, que do Aperiê, mas, da mesma forma que o deputado provocou, aqui, sobre cabresto. Ele falou em cabresto, lembrou Guimarães Rosa, lembrou que o encabrestamento que nos leva a essa situação. Esse encabrestamento é verdadeiro, é antigo.

Então apenas vou dizer uma palavra, o que eu tenho dito é que, enquanto as atividades produtivas não puderem remunerar com vantagens os custos de capital, é claro que não pode haver investimentos compatível com a potencialidade e a necessidade do Brasil.

Então, agora, por exemplo, nós estamos crescendo, nós tivemos por exemplo um grande crescimento das exportações graças a uma ação do mercado que, em 1999, atropelou o câmbio, que nos livrou daquela política equivocada de câmbio que só não nos quebrou, como quebrou a Argentina,



porque Deus é brasileiro. Na época, nós, com aquele câmbio (...) podíamos ter levado todas as empresas do Brasil a falir, como aconteceu na Argentina. Mas aqui não houve uma mudança cambial, de política cambial espontânea. O que houve foi o mercado que não aceitou aquele câmbio que estava equivocado e rompeu com ele. E o câmbio foi para câmbio livre e deu condições ao Brasil de se preparar para começar as exportações. Tanto que aquilo que foi uma acontecimento tão importante, que em 1999, no início do ano, já se esperava grande saldo de balança comercial. Só que as exportações não acontecem assim, por força da vontade de uma parte apenas, tem que construir esse mercado, e isso demora.

Então, começou-se a fazer isso em 99, 2000, 2001. Podem pegar a curva, é ascendente. Até que chegamos, ano passado, com saldo até de transações correntes. O primeiro saldo nos últimos, sei lá, 20 anos de transações correntes, que não é apenas o saldo da balança comercial. O saldo da balança comercial foi 24 bilhões em 1980. Esse ano é superior a 30 milhões. Até final de julho já foram 18 e tantos bilhões de salto.

Então, isso está, realmente, contribuindo para fazer crescer o mercado interno, que hoje já é um mercado considerado bom e ascendente. Então, é preciso que nós tenhamos o cuidado, agora, para preparar a economia para evitar os chamados gargalos que podem ser provocados por ausência de infraestrutura de transporte, que são absolutamente indispensáveis para que o escoamento, de forma econômica, as safras, possam chegar aos portos, chegar ao exterior em tempo hábil. Então, eu acredito que a situação, nesse particular também, vai se regularizar. Então era mais ou menos isso.

Eu gostaria de dizer para vocês que eu estou muito honrado, aqui, hoje, em Sergipe. Mas a minha dívida cresceu muito em relação ao estado. Então, antes de terminar, eu quero reiterar o meu agradecimento e dizer a todos que eu peço a Deus que me dê saúde para que possa, pelo menos, resgatar parte desta dívida com que vocês me oneram(?) hoje, com esse título. Eu saio daqui



devedor, muito devedor. E não me esquecerei de Sergipe em nenhum momento da minha vida. Esse diploma que me enaltece, será posto na minha principal parede, para mostrar a todos os meus amigos que eu recebi esta homenagem, aqui, neste pequeno, grande estado brasileiro.

Muito obrigado.